

Atual governo vai manter linha ortodoxa, diz Canuto

Denise Neumann
De São Paulo

O atual governo vai manter a linha ortodoxa na política macroeconômica e está convencido de que o quadro atual já é de reversão das expectativas negativas. Para quem duvida, a equipe econômica recomenda paciência. "A prova do pudim está em comê-lo", lembrou o bem-humorado secretário de assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, Otaviano Canuto, na última sexta-feira.

Canuto literalmente encantou a platéia de empresários e professores universitários de economia reunidos pela Sociedade Brasileira

de Estudos das Transnacionais e de Globalização Econômica (Sobeet).

A coerência do programa exposto e a reafirmação dos compromissos com o superávit fiscal necessário para equilibrar a relação dívida/Produto Interno Bruto (PIB) e com o câmbio flexível, rechaçando alternativas heterodoxas como centralização controle de capitais, tornaram inevitável a comparação com o governo anterior. "Afinal, o que diferencia vocês dos últimos oito anos?", perguntou o empresário Bóris Tabacof, do grupo Suzano. "O governo anterior se perdeu na âncora cambial", resumiu Canuto.

Canuto disse que o fluxo líquido

de capitais já está novamente positivo, que há um quadro claro de recuperação da confiança e que o risco-país vai chegar bem abaixo dos 700 pontos-base. Hoje, o risco está próximo a 1.100, mas já esteve em 2.100 em novembro do ano passado. "Mas o adequado é um nível de risco entre 200 e 300 pontos", sonhou o secretário.

"Na hora em que uma das reformas for aprovada, ocorrerá um efeito significativo sobre a classificação de risco do país", ponderou. Mesmo com a melhora, o governo não quer mais a enxurrada de entrada de recursos externos que marcou o começo do Plano Real. "Essa situação não

é desejável", afirmou. Ele considerou factível e importante um fluxo de capitais capaz de financiar um déficit em conta corrente entre 1,0% e 1,5% do PIB.

Segundo ele, a medida em que for confirmado o quadro de fluxos positivos de capitais, abre-se espaço para a queda do dólar. "Há hoje um descolamento entre a trajetória do câmbio e o risco país", pontuou. Desde novembro do ano passado, o risco-país já caiu 1000 pontos (quase 50%), enquanto o dólar recuou cerca de 8%.

A avaliação de Canuto sobre "o espaço para a queda do dólar" preocupou os exportadores presentes que leram na declaração

do secretário uma defesa da apreciação cambial. "O dólar não deve ficar muito longe do nível atual", acalmou Canuto. "Mas o câmbio é flexível e não operamos com uma meta cambial", disse.

A apresentação de Canuto também sugere que o governo vai manter, por vários anos, o superávit primário em 4,25% do PIB. "Futuramente, quando o risco cair, poderemos flexibilizar essa meta", ponderou. "Se o cenário econômico for ruim, essa meta estabiliza a relação entre a dívida e o PIB; se ele for bom, ela vai cair", acrescentou.

No plano econômico traçado por Canuto, há três linhas estraté-

gicas norteando o programa de governo: a responsabilidade macroeconômica, uma rede de proteção social eficiente e com custo adequado e uma melhora no ambiente de negócios e no acesso ao crédito. Estas três linhas, disse, se autoreforçarão com as quatro reformas prioritárias: previdência, tributária, lei das falências e autonomia do Banco Central.

Uma melhor estrutura de crédito interno, ponderou, estimula crescimento e ajuda a reduzir a volatilidade da taxa de câmbio porque torna o país menos dependente dos recursos externos.

Mais informações na página C1